

MIGRAÇÃO INTERNACIONAL: O EXEMPLO DOS TRABALHADORES BRASILEIROS NO JAPÃO

Claudemira Azevedo Ito¹

Introdução

Os debates sobre migração internacional têm sido enfatizados e ganham importância no contexto da globalização. Diversas áreas do saber contribuem para o estudo das migrações, os aspectos teóricos e os estudos de caso reforçam cada vez mais a importância da compreensão deste fenômeno e por conseguinte de sua abrangência e significados.

Entre os especialistas há concordância de que as migrações internacionais ganharam contornos mais complexos diante do processo de globalização. Pois, enquanto a integração econômica, idealizada e gerenciada pelo liberalismo atinge seletivamente os países, proporcionando maior distanciamento entre ricos e pobres. Tal cenário aumenta o desejo e a necessidade de migrar, mas as flexibilizações da globalização não se aplicam à migração internacional: enquanto o capital financeiro e o comércio fluem livremente, a mão-de-obra se move lentamente.

Atualmente, as discussões partem da reflexão das transformações socioeconômicas e políticas e culturais do cenário internacional, especialmente aquelas referentes às mudanças do processo de reestruturação da produção que implicam diretamente na mobilidade de capital e da força de trabalho em diferentes partes do mundo.

Desta forma, a migração de trabalhadores brasileiros para o Japão, o movimento de kassegui, é analisado no contexto da mobilização da força de trabalho como parte do cenário da economia internacional. No âmbito individual, as

¹ Professora do Departamento de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Campus da Unesp de presidente Prudente. E-mail ito@fct.unesp.br

motivações que levam trabalhadores brasileiros são a busca de melhorar sua condição econômica e amealhar o suficiente para abrir o seu próprio negócio.

A primeira parte deste trabalho trata do movimento de kassegui, contextualizando-o no cenário econômico do Brasil na década de 1980, com altas taxas de inflação, desemprego e empobrecimento da população, especialmente da classe média. Apresentam-se várias tentativas de periodizações, caracterizando cada fase, destacam-se as classificações de Sasaki e Higuchi. A evolução do ritmo de crescimento do número de brasileiros é analisada e apresentada em gráfico.

A segunda parte trata especificamente do perfil e do cotidiano dos brasileiros no Japão. São apresentados dados sobre a distribuição por Província, por faixa etária, ramo de atividade, período de permanência e mobilidade espacial. E, apresenta-se discussão sobre as questões referentes à previdência social, educação de crianças e jovens e delinquência juvenil.

O estudo do processo emigratório de brasileiros para o Japão está no contexto de mudança de status do Brasil no panorama das migrações internacionais. O Brasil, nas últimas décadas passou de país de imigração para de emigração, ou seja, de acolhimento passou a expulsar população. Deve-se refletir os porquês o brasileiro deixa o Brasil, para se tornar “Brazuka” nos Estados Unidos; “Dekassegui” no Japão ou “brasiguai” no vizinho Paraguai. Ainda, qual a importância destes brasileiros para o Brasil? Desta resposta, dependerão as políticas brasileiras em relação ao processo migratório, tanto de imigração, quanto, da emigração.

I – Emigração Brasil-Japão: Movimento Dekassegui

No cenário das migrações internacionais o Brasil, que historicamente foi espaço de atração de movimentos migratórios, passa na década de 1980 de país de imigração para emigração. Oliveira (1977) denomina esta mudança de “ponto de inversão”:

Ninguém define a data exata, mas todos concordam que nosso “ponto de inversão” na história das migrações internacionais começa em algum momento da década de 80, precisamente entre os anos de 84 a 87, direcionando-se para várias áreas do Mundo a partir de então. (OLIVEIRA, 1997,p.55)

Quanto às motivações desta inversão os estudiosos concordam que o cenário econômico do Brasil na década de 1980, caracterizado pelas altas taxas de inflação, desemprego e empobrecimento da população, especialmente da classe média, foi o maior determinante. Shuwartz (1993) considera que a destruição da classe média e as perdas reais de renda são fatores relevantes de estímulo emigratório. Sales(1999) refere-se à emigração brasileira da década de 1980 como tentativa de fuga da “década perdida”, quando, somente de 1985 a 87 evadiram do Brasil cerca de 1,25 milhão de brasileiros, o que representava 1% da população. Sendo os principais destinos Estados Unidos, Paraguai e Japão. (Ito, 2001,p.15)

Kawamura (1997) ao analisar as motivações do “retorno da população nikkey² para o Japão”, afirma:

Em relação ao conjunto da população brasileira, de modo geral, os japoneses e descendentes conseguiram, durante longo tempo, manter posições intermediárias na sociedade. Nos anos 80 e seguintes, eles sofreram a mesma deterioração das condições de vida e de trabalho que atingiu as classes médias brasileiras tendo como consequência, a queda do padrão de vida e no nível social. (KAWAMURA,1997,p.80)

Simultaneamente aos problemas econômicos enfrentados pelo Brasil na década de 1980, no Japão a situação era inversa. O Japão atravessava um período de crescimento econômico e demandava mão-de-obra além das possibilidades da oferta nacional, sendo necessário recorrer a trabalhadores estrangeiros. Inicia-se, então, o fluxo migratório de brasileiros para o Japão, o que foi denominado de movimento dekassegui.

² Nikkey- Denominação dada aos descendentes de japoneses nascidos fora do Japão, sendo variável a grafia com “k” ou “kk” e, ainda com ‘i’ ou ‘y’.

Diante da crise econômica que assolava o Brasil no início da década de 1990, a queda do padrão de vida da classe média brasileira, a escassez de empregos, a violência cotidiana, e atraídos por altos salários pagos no Japão (...) Abandonaram empregos fecharam pequenos negócios, arrendaram propriedades, deixaram gravatas e as camisas de colarinho para envergar macacão, boné ou capacete. Enfrentar trabalho duro e pesado por extensas horas não importava, desde que fosse bem remunerado. (ITO,2001,p.18)

Dekassegui, no Brasil, passou a ser sinônimo de ir trabalhar no Japão, com pretensão de ficar o tempo necessário para amedilhar uma poupança e retornar.

Sasaki (1998) classifica o movimento de kassegui em três períodos diferentes: Meados da década de 1980; Final de 1980 e início dos anos 90 e, meados da década de 1990. Esta periodização é baseada em fatores como a intensidade do fluxo, perfil do migrante e intenção de permanência.

Período pioneiro, em meados da década de 1980, é o início, quando surgem as primeiras idas, com volume tímido. Não enfrentavam obstáculos burocráticos, pois a maioria era de japoneses retornando, ou filhos de primeira geração, os quais geralmente tinham dupla cidadania. O perfil característico era de pais de família, com idade média entre 40 e 50 anos, conhecimento da língua e cultura japonesa e pretensão bem definida de permanecer pouco tempo no Japão.

A carência de mão-de-obra impôs a necessidade de mudança na política imigratória do Japão. Neste contexto o elemento nikkey era privilegiado, pois havia resistência da sociedade japonesa em aceitar trabalhadores estrangeiros. O nikkey, supostamente com maior possibilidade de inserção na sociedade japonesa, por ser descendente, era favorecido pela legislação japonesa.

Países como o Japão, que tiveram, no passado, elevados contingentes de emigrados, tendem a privilegiar a entrada no país, especialmente para “usufruir” de seu mercado e de sua cultura, e para conviver com seu povo, de forma contínua, os

descendentes dos conterrâneos e, se possível, o retorno dos próprios emigrados” (KAWAMURA,1997,p.62)

Sasaki (1998) delimitando esta primeira fase da migração brasileira para o Japão também chama atenção para o início da caracterização das redes sociais migratórias, “ entrando em cena os atores sociais, como os candidatos a dekasegui, as pequenas empresas japonesas demandando mão-de-obra estrangeira, e os agentes intermediários” p.174-175. Neste processo tomam lugar, os indivíduos, as famílias, os preparativos para a viagem (burocracia, emocional), os empreiteiros e os agentes da viagem, que começam a se estruturar em redes.

Período da massificação, que engloba o final da década de 1980 e início dos anos 90 é marcado pela massificação do movimento, registrando as maiores taxas de crescimento de entradas de brasileiros no Japão.

Vários fatores contribuíram para o fato. Do lado brasileiro, o governo Collor, com confisco de poupança e instabilidade econômica e política, era o pano de fundo da crise brasileira. E, por outro lado, em 1990 a Reforma da Lei de Controle da Imigração do Japão regulamentou a preferência aos descendentes de japoneses e, sendo o Brasil possuidor da maior colônia de nipo-descendentes do mundo, os brasileiros foram privilegiados de pronto.

Neste período foram reforçadas as redes sociais, em 1992 foi criado o Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior (CIATE), órgão com vínculo com Ministérios do Trabalho, da Saúde e do Bem Estar Social do Japão e do Centro de Estabilização do Emprego nas Industrias do Japão, coordena as atividades do Centro de Assistência de Empregos para Nikkeys de Tóquio e de Nagoia, atualmente existem 8 escritórios no Japão e 1 em São Paulo. O CIATE presta serviços de divulgação de vagas de empregos no Japão, realiza cursos variados: Usos e costumes do Japão; Legislação trabalhista, seguro desemprego e de saúde no Japão e palestra preparatória para a ida ao Japão.

A rede social aumenta, nas áreas de concentração de trabalhadores brasileiros surgem: bares, restaurante, lojas de produtos brasileiros. Segundo Sasaki (1998) “eram pequenos negócios de dekasegui para dekasegui”, ou seja, aparecem estabelecimentos para atendimento do público brasileiro.

Em trabalho de campo realizado em 2000, em Hamamatsu, cidade de maior concentração de brasileiros no Japão, foram detectados 61 estabelecimentos que atendiam a comunidade brasileira, entre eles: restaurantes (pizzaria, pastelaria, churrascaria), lojas de confecções, agencia de viagem, escolas (línguas, informática, música, ensino infantil, fundamental e médio) danceteria, jornal, televisão a cabo, revenda de automóvel, academia, supermercado. Ito (2001, p.119-120-121)

Em Hamamatsu, o primeiro restaurante de comida típica brasileira, o São Paulo, foi inaugurado em 1991, época de maior fluxo de brasileiros para Japão, nasceu por iniciativa de um empreiteiro que percebeu o crescente numero de brasileiros e a inexistência de restaurante para atende-los. Ito (2001,p.113).

Sasaki (1998) afirma que este período é caracterizado por: mudança no perfil do dekassegui; gerações mais avançadas (segunda e terceira); aumento da proporção de mulheres; faixa etária mais jovem; mais solteiros e recém-casados com filhos menores; caráter mais familiar do que individual; menor exigência no domínio do idioma japonês e, maior presença de não-descendentes (cônjuges). p.176-177. Lembra ainda, que foi neste período que as idas e vindas dos trabalhadores foram facilitadas, com a desburocratização do visto de reentrada.

Período da consolidação das redes, meados da década de 1990, é caracterizado pelo aumento na duração da estadia do dekassegui, “o caratê temporário do inicio do fluxo migratório passou a ser cada vez menos claro”. Neste período também se verificou o aumento em percentual de famílias inteiras no Japão, assim como no número de nascimentos de filhos de brasileiros no Japão. Sasaki, 1998.p.177.

A comunidade brasileira no Japão foi se organizando, as empresas de recrutamento e agentes intermediários foram perdendo sua importância na medida em que amigos e parentes faziam a ligação entre as empresas e o trabalhador.

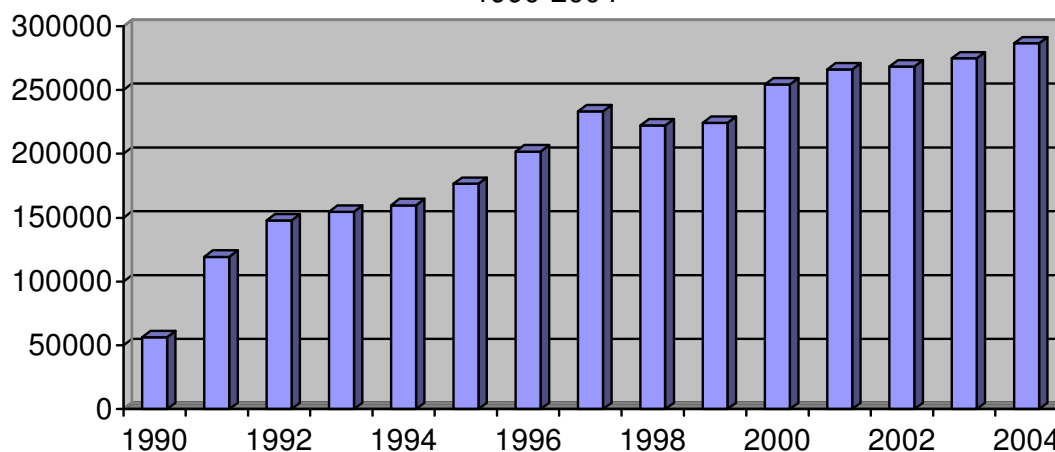
A intensidade da corrente migratória foi pouco alterada, não apresentou flutuações expressivas no período. Assim com, registro-se uma estabilidade na oferta de empregos no Japão.

Esta periodização de Sasaki (1998) apesar de pouco precisa é importante para o entendimento do processo migratório, assim, caracterizando cada fase, é possível compreender o todo. Para melhor visualizar o ritmo de crescimento da emigração de brasileiros ao Japão foi construído o Gráfico 1.

Observa-se que o maior aumento do número de brasileiros no Japão ocorreu entre os anos de 1990 a 1992, quando passa de 56.429 pessoas para 147.803, respectivamente. Este fato é em decorrência da flexibilização da Lei de Imigração que facilitou a entrada de descendentes de japoneses para trabalhar no Japão. Neste período, também ocorreu o expressivo aumento percentual de trabalhadores brasileiros frente aos demais grupos no Japão. Ito (2001) afirma que em 1990 os brasileiros representavam 5,2% do total de estrangeiros no Japão, e em 1991 já representavam aproximadamente 10%, tendo registrado estabilidade, na faixa de 15% em 1997. p.23.

No período apresentado no Gráfico 1 verifica-se crescimento em todo os anos, com exceção de 1998, quando o numero de retornos supera os de entrada, mas a curva de crescimento volta a reagir positivamente no ano seguinte.

Gráfico 1- Japão: Número de brasileiros registrados
1990-2004



Fonte: Ministério da Justiça do Japão, 2005. Org: ITO (2007)

Higuchi (2003) ao analisar a migração de trabalhadores brasileiros para o Japão propõe uma periodização mais detalhada, dividida em 5 fases:

Primeira fase: de 1980 a 1984 – quando uma pequena leva de japoneses retorna ao Japão, não tiveram dificuldades com a língua ou os costumes japoneses, pois eram nascidos e criados no Japão e quando adultos imigraram ao Brasil. Era apenas o movimento de retorno ao país de origem.

Segunda fase: de 1985 a 1989 – As empresas japonesas começam a perceber a reserva de mão-de-obra do Brasil, surgem os anúncios a procura de trabalhadores dispostos a ir para o Japão nos Jornais da comunidade nipo-brasileira. Os retornados (da primeira fase) são incentivados a abrir agências de recrutamento e prestar serviços de interprete, neste período foi registrado o maior crescimento de agências de emprego e financiadoras das despesas de viagem e colocação de trabalhadores. De tal forma, a atingir os descendentes de menor poder aquisitivo, pois os primeiros iam com as despesas pagas por conta própria, nesta fase, a maioria vai com as despesas de passagem, taxas e hospedagem pagas por agenciadores.

Terceira fase: de 1990 a 1992, quando ocorre o grande impacto da reformulação da política imigratória do Japão, facilitando a entrada de descendentes de segunda e terceira geração. Neste período a comunidade brasileira totaliza um crescimento na ordem de 120 mil pessoas.

Quarta fase: de 1993 a 1997, apesar de período de maior recessão econômica no Japão, a imigração brasileira continua a crescer. Ela atende as novas necessidades de flexibilização do trabalho: força de trabalho dispensável a qualquer tempo e com mobilidade espacial.

Quinta fase: de 1998 ao período atual, Acentua-se a imigração da terceira geração de descendentes e de não-descendentes, também de crianças e adolescentes. Percebe-se o menor nível instrucional em comparação às fases anteriores. Nesta fase, fica clara a que a opção pela mão-de-obra brasileira é pelo fato da flexibilização e não por ser mais barata. Higuchi (2003) apresenta ao analisar dados de pesquisa realizada com empresários japoneses afirma que mais de 40% declaram que a contratação de estrangeiros tinha a ver com a flutuação da produção, a segunda razão seria a mobilidade do estrangeiro, a terceira, por ser mão-de-obra mais barata, e por ultimo, dificuldade de contratar japoneses.

Mas considerando a pirâmide etária da população japonesa, verifica-se que cerca de 20% está acima de 65 anos, e que as projeções indicam que em 2025 o Japão terá apenas 53% de população na faixa economicamente ativa, e ainda, que cerca de 35% estará com mais de 65 anos, o trabalhador estrangeiro será fundamental para a manutenção dos níveis de crescimento da economia japonesa.

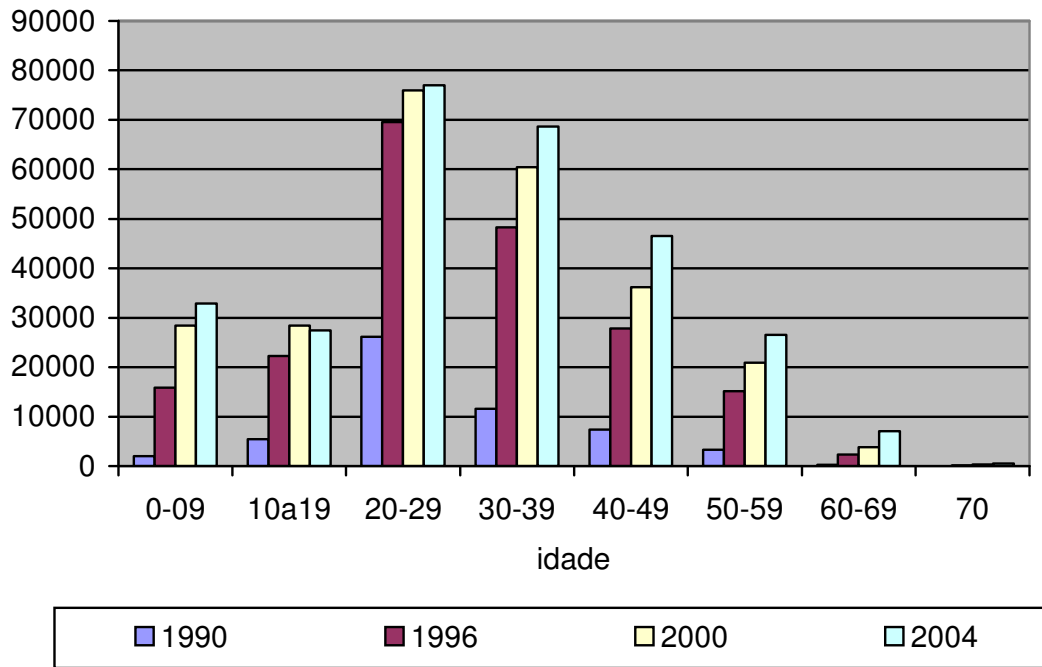
Soma-se a esta necessidade, o fator de o trabalhador japonês está cada vez menos disposto a assumir tarefas braçais. O trabalho estrangeiro no Japão é Os estrangeiros no Japão, de modo geral, assumem os posto de trabalho “3Ks”, isto é kitsui (pesado), kitanai (sujo) e kiken (perigoso).

Neste mercado de trabalho os brasileiros e latino-americanos da comunidade nikkey levam vantagem aos demais grupos de imigrantes como os iranianos, chineses, coreanos, filipinos, bangladeshianos, tailandeses entre outros, tendo em vista a maior facilidade em obtenção do visto de trabalho. Este fato é comprovado quando se verifica que apesar de ocupar o terceiro lugar em total de imigrantes do Japão, os brasileiros, estão em nono lugar na lista de imigrantes irregulares, cerca de 5 mil em 2005, segundo dados do Ministério da Justiça do Japão. Sendo que a maioria encontra-se irregular por exceder o período do visto.

V – Perfil e cotidiano dos brasileiros no Japão

O perfil dos brasileiros no Japão tem sofrido transformações conforme foi verificado anteriormente nos exemplos de periodização do movimento de kassegui. Entre estas mudanças destaca-se o perfil da pirâmide da idade, como pode ser observado no Gráfico 2., onde comparece o crescimento, em número absoluto, de todas as faixas etárias, considerando os anos de 1990, 1996, 2000 e 2004. Sendo as faixas de maior concentração entre 20 e 49 anos, e dentro destas a faixa de 20 a 29 anos.

Grafico 2- Japão: Distribuição de idade imigrantes brasileiros - 1990-2004 (abs)



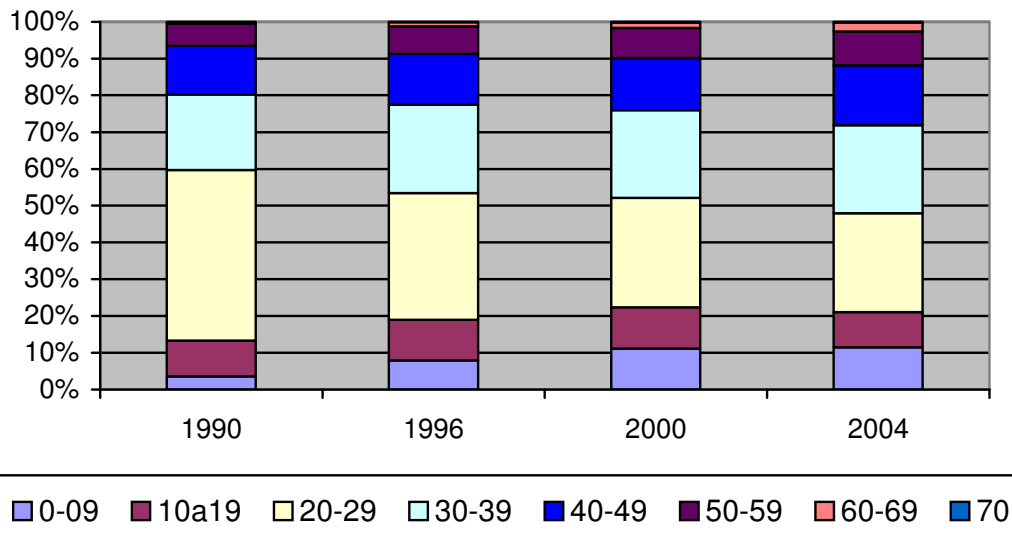
Fonte: Ministério da Justiça do Japão, 2006. Org: ITO (2007)

Para melhor visualizar a evolução da migração brasileira para o Japão no que refere à pirâmide de idade, o Gráfico 3 mostra a distribuição de população, em faixas etárias, em percentual nos anos de 1990. 1996. 2000 e 2004.

Em 1990 a faixa de maior prevalência era a de 20 a 29 anos com cerca de 43%, já em 1996 esta faixa apresenta diminuição percentual, passando para 34%, em 2000 totaliza 31% e em 2004 passa para 28%.

Enquanto há evolução negativa em termos percentuais da faixa de 20 a 29 anos, a faixa de 30 a 39 anos apresenta crescimento, passa de 20 para 25 entre 1990 e 2004. Do mesmo modo, a faixa de 40 a 49 anos passa de 13% para 16% entre os anos de 1990 e 2004.

Grafico 3- Japão: Distribuição de idade dos imigrantes brasileiros - 1990-2004 (%)



Fonte: Ministério da Justiça do Japão, 2006. Org: ITO (2007)

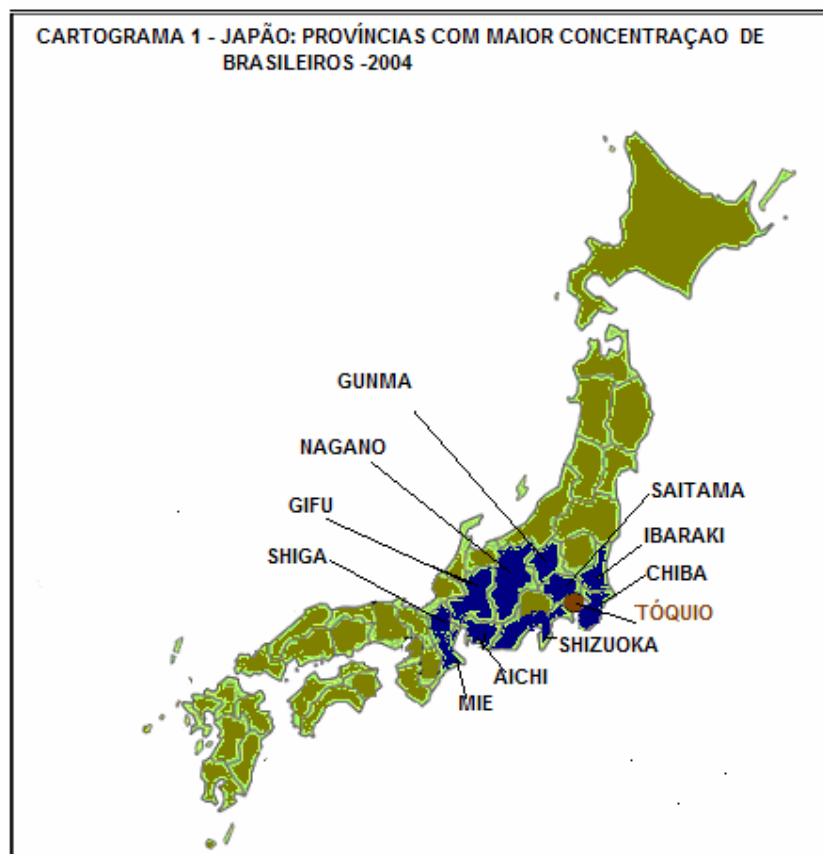
É importante notar o crescimento das faixas de 0 a 9 anos, que em 1990 correspondia a cerca de 3% e em 2004 atinge aproximadamente 12% da população de brasileiros no Japão, assim como, houve crescimento da faixa de 50 a 59 anos, em 1990 correspondia a cerca de 6% e em 2004 já somavam 12%. Desta forma, pode-se afirmar que a comunidade brasileira no Japão é cada vez mais composta de grupos familiares, com presença pessoas das mais variadas idades, incluindo crianças e mais idosos. Corrobora com esta afirmação o fato do crescimento dos maiores de 60 anos, que em 1990 representava, somente 1% e em 2004 já chegavam a mais de 3%.

Segundo dados do Consulado Geral do Brasil em Nagoya, a maioria dos trabalhadores brasileiros estão em atividades ligadas à indústria automobilística: montadoras e auto-peças, e ao setor de eletro-eletrônico, mas sempre, na maioria das vezes, como contratados de empresas de terceirização de mão-de-obra. Também, boa parte dos brasileiros está no setor de serviços, especialmente no ramo alimentício.

Segundo os dados extraídos do questionário aplicado aos estrangeiros pelo Ministério da Justiça, cerca de 69% dos brasileiros declararam desenvolver alguma atividade remunerada, sendo que deste cerca de 97% são empregados e os demais autônomos ou empregadores. Em números absolutos, no ano de 2000, cerca de 188 mil brasileiros responderam ao questionário, sendo que 126 mil eram empregados.

Estes 126 mil trabalhadores brasileiros estão assim divididos por atividade: 104 mil em fábricas, 10 no setor de serviços, 4 mil no comércio, 3,6 mil na construção civil, 2 mil em transporte e comunicação, cerca de 400 na agricultura e dos demais em outras atividades de menor prevalência. Higuchi (2003)

Desta forma, a distribuição dos brasileiros no território japonesa é fortemente influenciada pela localização dos centros industriais do país, de modo que, há um adensamento de brasileiros na região central do Japão, na ilha principal, Honshu, para melhor visualização, o Cartograma 1 traz a localização das Províncias do Japão, destacando as dez com maior população de brasileiros.



Fonte: Ministério da Justiça do Japão, 2005. Org: ITO, C.A

A Tabela 6 mostra as dez Províncias de maior concentração de brasileiros, com destaque Aichi e Shizuoka ,que junta somam cerca de 107 mil brasileiros, ou seja, aproximadamente 37% dos brasileiros residente no Japão.

Tabela 6 - Japão: Distribuição de brasileiros por Província - 2004

Província	Nº brasileiros	% do Total
Aichi	63.335	22,1
Shizuoka	44.248	15,4
Mie	18.157	6,3
Nagano	17.758	6,2
Gifu	17.596	6,1
Gunma	16.455	5,7
Saitama	14.030	4,9
Kanagawa	13.860	4,8
Shiga	12.128	4,2
Ibaraki	11.259	3,9

Fonte: Ministério da Justiça do Japão, 2005., org. ITO,CA.

Na Província de Shizuoka localiza-se a cidade de Hamamatsu, com 821.939 habitantes, destaca-se por abrigar a maior concentração de brasileiros no Japão, em fevereiro de 2007, já ultrapassava 19 mil registros de Brasileiros.

Neste município a concentração de brasileiros é justificada por:

Hamamatsu possui importante parque industrial produzindo principalmente motocicletas, instrumentos musicais, tecidos e automóveis. Concentra grandes plantas industriais da Honda, Suzuki, Yamaha, Kawai, além de milhares de pequenas e médias indústrias onde são produzidos peças e insumos para

as grandes montadoras de automóveis, motocicletas e produtos eletroeletrônicos. (ITO,2001,p.41)

Vale ressaltar que os brasileiros estão presentes nas 47 províncias do Japão. E, apesar da Província de Tóquio ser uma das mais populosas do Japão não reúne um número expressivo de brasileiros, somente 4707 brasileiros foram registrados em 2004.

Nestas localidades de grande concentração de brasileiros formou-se uma rede de suporte: Lojas, restaurantes, prestadores de serviço e escolas. Entretanto, mesmo nestas localidades, a questão da educação formal de crianças e adolescentes brasileiros merece atenção.

Segundo dados do Ministério da Justiça, em 2004, na comunidade brasileira no Japão, havia 16.878 na faixa de 0 a 4 anos; 16.010 na faixa de 5 a 9 anos; 10.137 entre 10 e 14 anos e, ainda, 17.312 na faixa de 15 a 19 anos, de tal sorte que, totalizava cerca de 60 mil crianças e adolescentes brasileiros em idade escolar (infantil, fundamental e médio).

Sobre a educação formal dos filhos de dekassegui na Cidade de Hamamatsu, Ito (2001) afirma:

Os pais brasileiros que vivem em Hamamatsu enfrentam o conflito de escolher a escola dos filhos. As opções são duas, mandá-los para a escola japonesa ou à escola brasileira. São muitos os fatores que determinam a escolha. Primeiro, a definição de quanto tempo a família pretende ficar no Japão. Segundo a adaptação da criança no ensino japonês. Terceiro as despesas com a escola. (ITO,2001,p.95)

Vale esclarecer que entre os japoneses o ensino fundamental, público e gratuito, é compulsório, mas o mesmo não se estende aos estrangeiros, ficando sob a responsabilidade dos pais a educação dos filhos.

Diante das dificuldades de adaptação ao sistema escolar japonês, o alto custo das escolas brasileiras muitas crianças e adolescentes brasileiros não freqüentam nenhum tipo de escola. Na maioria das vezes, não se trata da ausência de escolas de ensino em português e com metodologia brasileira, mas sim,

economia dos pais, que preferem poupar com o objetivo de retornar ao Brasil, e aí, investir na educação dos filhos.

Segundo dados do Ministério da Educação do Brasil, há cerca de 60 escolas homologadas e em processo de homologação no território japonês. Entretanto, estas escolas praticam preços que assustam grande parte dos pais.

Para muitos que estudam a comunidade brasileira no Japão ou participam das discussões sobre ela, como por exemplo: Padre Higa, Salesiano que trabalha na Cidade de Hamamatsu, há o perigo de estarmos criando uma “geração perdida”, pois são jovens que não estão sendo formados para nenhuma das duas sociedades – japonesa ou brasileira -, não freqüentam nenhum tipo de escola, e nem mesmo, recebem os valores ético e morais de seus pais, uma vez, que estes não dispensam tempo a seus filhos. (Trabalho de Campo, 2004).

Diante deste cenário, cresce entre a comunidade brasileira os casos de delinqüência juvenil: Furtos, dirigir sem habilitação e uso de drogas. Assim como crescem os números de gestação na adolescência.

Em algumas Províncias, diante do crescimento do número de estrangeiros, o Governo, criou alguns programas de auxílio à adaptação das crianças e adolescentes ao sistema escolar japonês. Em Hamamatsu, foi criado o Projeto Canarinho para auxiliar crianças brasileiras e peruanas, onde são oferecidas aulas de reforço e outras atividades. Assim como, na cidade de Ota, onde o número de brasileiros corresponde a cerca de 10% da população total a Prefeitura e o Governo da Província mantêm programas de apoio aos estudantes brasileiros: aulas de reforço, bem como treinando professores da rede pública de ensino para que saibam trabalhar e respeitar a diversidade cultural dos estrangeiros. Ito (2001)

Também, por economia ou falta de informação grande parte dos trabalhadores brasileiros no Japão não recolhem a devida contribuição para a previdência social. Estão desprotegidos, em caso de doença ou acidente de trabalho ficarão sem assistência, devendo arcar com os custos de tratamento médico particular, cujos custos são incompatíveis aos salários de operários de chão de fábrica.

Infelizmente, não são raros os casos de brasileiros que por problema de saúde não conseguem emprego e sem recursos para retornar ao Brasil, tornam-se sem-teto e a sobrevivem da ajuda da comunidade.

Este estado de desamparo também é fruto da falta de interesse dos empregadores (empreiteiras) em recolher a contribuição previdenciária, o que reforça o caráter temporário da força de trabalho dos brasileiros.

A mobilidade do brasileiro no território japonês é bastante evidente, em pesquisa realizada por Beltrão e Sugahara (2006) verificou-se que somente cerca de 13% permanecem no mesmo endereço por mais de 5 anos. Sendo o grupo de maior período de permanência no mesmo endereço os de 30 a 40 anos.

A longa permanência no Japão não é freqüente, na pesquisa de Beltrão e Sugahara (2006), foi constatado que apenas 10% havia permanecido por mais de 10 anos. De tal forma, que considerando o contingente de brasileiros no Japão e que o processo já completou mais de 15 anos, pode-se afirmar que o movimento de kassegui se caracteriza pela reincidência com tendência a prolongar o período no Japão.

Entretanto, quanto aos planos de retorno, quase 90% dos homens e das mulheres afirmam que pretendem retornar ao Brasil. Reforçando a incidência de reincidências, pois a maioria, face às dificuldades de reinserção no Brasil acaba emigrando novamente.

O fenômeno da recente emigração de brasileiros representa uma ‘descontinuidade histórica’ de um país tradicionalmente receptor de expressivos fluxos imigratórios. “Hoje, o Brasil contribui decisivamente para a imigração latino-americana nos Estados Unidos, em determinados países da Europa (Portugal, Espanha, Itália) e no Japão”. E, ainda é importante as emigrações para os países fronteiriços como o Paraguai, Bolívia, Suriname e Guiana Francesa. Pova (2006,p.25)

Do ponto de vista mais simplista, para classificar um país de imigração ou emigração bastaria quantificar os aspectos “expulsores” de população – problemas socioeconômicos e políticos, e os fatores de “atração” – qualidade de vida: emprego, acesso a saúde, educação, habitação. Sendo delineado, assim,

quais fatores de maior relevância, e ainda, o computo geral entre a entrada e saída de contingente populacional.

Entretanto, sabe-se que essa combinação deixa de ter significado no panorama atual da globalização, “quando os movimentos de diversas escalas e durações se aceleram, quando as facilidades para o deslocamento se multiplicam (acompanhadas, é verdade, de importantes iniciativas de repressão aos fluxos migratórios), quando, enfim, a idéia de mobilidade, de flexibilidade, é erigida como valor a ser perseguido por indivíduos e economias” Povoá (2006,p.25).

O Brasil, enquanto país de imigração, de receber contingentes para colonizar “vazios”, ocupar terras e atender a demanda de mão-de-obra, criou a percepção do acolhimento. Entretanto, neste ponto de “inversão”, na passagem de país de imigração, para emigração, é necessário a reflexão dos porquês o brasileiro deixa o Brasil, para se tornar “Brazuka” nos Estados Unidos; “Dekassegui” no Japão ou “brasiguai” no vizinho Paraguai.

Houveram momentos históricos que os emigrantes eram os colonizadores, agentes de difusão da cultura e valores civilizatórios, noutros, o emigrante era a expressão da falta de condições de sobrevivência em determinado território. Hoje, nem um, nem outro.

Certo é o crescimento das migrações internacionais. O declínio das taxas de natalidade, o envelhecimento da população nos países de economia desenvolvida; reestruturação econômica; persistência e acentuação das disparidades econômicas, das expectativas de vida, da qualidade de vida, entre outros são motivações para a migração.

Desenha-se cada vez mais a necessidade de um posicionamento da sociedade, e do Estado, no sentido de como lidar com os milhões de brasileiros que partiram e buscam sobreviver no exterior, lá sofrendo todo o conjunto de atribuições comumente associadas à condição de imigrante.(...) Reconhecer o emigrante como sujeito na construção do Brasil contemporâneo, ainda que situado fora do território nacional, parece ser condição para repensar a nação. (PÓVOA, 2006,p.36).

Neste sentido, é necessária a discussão das políticas do Estado brasileiro frente à emigração. Sem colocar como ponto central das discussões as remessas de recursos efetuadas pelos brasileiros das diferentes partes do mundo. Os números são grandiosos, é sabido que em 2005, os migrantes enviaram mais de US\$ 167 bilhões para seus países. Os latino-americanos participaram com US\$ 55 bilhões, o grupo é liderado pelo México que recebeu cerca de US\$ 17 bilhões, os brasileiros, enviaram aproximadamente US\$ 5,6 bilhões, ou seja, quase 2% das exportações. Patarra (2006)

Hily (2003) chama a atenção de que as dinâmicas migratórias atuais estão ligadas as capacidades de circular e usar os recursos da mobilidade, e que portanto, aparecem novos fenômenos: A “porosidade das fronteiras nacionais”, pois nas trocas econômicas, interagem, trocam e se misturam indivíduos diferentes quanto aos estatutos jurídicos e sociais. “A potência dos pertencimentos e não mais nacionais” as relações são conjunturais, oportunistas e cosmopolitas. E, a criação de um mundo, não somente das “*global cities*”, mas sim, produzido por formas sociais compostas de conexões locais e globais de lugares, indivíduos, coletivos e territórios.

VII -. Bibliografia

ARENDT, H. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. 352p.

ASARI, A. Y. "...**E eu só queria voltar ao Japão** (*colonos japoneses em Assai*), Tese de Doutorado, USP, São Paulo, 1992, 204 p.

BECKER, O. M. S. Mobilidade espacial da população: conceitos, tipologia e contextos, In Castro, I. E. de et al (org.) **Explorações Geográficas**. Editora Bertrand Brasil, p. 319-367, 1997.

BELTRÃO, K.I. & SUGAHARA, S. Permanentemente Temporário: Dekasseguis brasileiros no Japão. In Revista Brasileira de Estatística e população, v.23, n.1, jan/jun, 2006, p. 61-85.

BOMTEMPO, D.C. **Os sonhos da Migração:** Um estudo dos japoneses e seus descendentes no Município de Álvares Machado-SP. Dissertação de mestrado, FCT-Unesp. Presidente Prudente, 2003, p.174.

BRASIL, **Relatório final da Comissão Parlamentar mista de Inquérito da Imigração.** Brasília: Senado Federal, 2006.

BRITO, F. **Emigração e Imigração Internacional no Brasil.** Campinas: FNUAP, 1995.

CARLOS, A. F. A. O lugar: mundialização e fragmentação, In: SANTOS, M. et al (Orgs.) **O Novo Mapa do Mundo Fim de Século e Globalização**, Editora Hucitec, São Paulo, 1993.

CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade** . 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CEPAL, **Globalização e desenvolvimento.** Relatório da 29ª Sessão. Brasília, 2002.

CHESNAIS, F. **A mundialização do capital**, Editora Xamã, S. F. Foá (trad.), 1ª edição, São Paulo, 1996, 335 p.

ESCOLAR, M. Territórios de dominação estatal e fronteiras nacionais: a mediação geográfica da representação e da soberania política, In Santos, M et al (org.). **O Novo Mapa do Mundo Fim de Século e Globalização**, Editora Hucitec, São Paulo, p. 83-102, 1993.

FERREIRA, R. H. **O Fenômeno de kassegui como mobilidade espacial do trabalho: O caso de Itapetininga**, Trabalho de Graduação, FAPESP, UNESP - Rio Claro 1997, 161 p.

_____ O confronto dos lugares no imaginário do migrante de kassegui, In: // *Encontro Nacional de Migração*, ABEP/GT Migração, Ouro Preto-MG, 1999, 21 p.

GIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*, Editora Unesp, R. Fiker (trad.), São Paulo, 1991, 177 p.

GOMES, C.P. Os Estudos de Imigração: Sobre algumas implicações políticas do método. Fundação Casa de Rui Barbosa. Disponível em <www.casaruibarbosa.gov.br> acesso em 21/jan/2007.

HIGUCHI, Naoto,. Migration process of nikkei Brazilians. In: *Emigración Latinoamericana: Comparación Interregional entre América del Norte, Europa y Japón*, . In Symposium Series, Osaka: Japan Center for Area Studies, pp. 379-406.2003.

HILY, M. As migrações contemporâneas: dos Estados e dos homens. In Anais do Seminário Cultura e Intolerância, São Paulo, nov, 2003.

HOBSBAWM, E. **Era dos Extremos** *O breve século XX 1914-1991*, 2a edição, Companhia das Letras, M. Santarrita (trad.), 1995, 598 p.

INTERNATIONAL MIGRATION INSTITUTE, Para uma nova agenda de investigação sobre as migrações internacionais. Mai,2006. Disponível em <<http://www.imi.ox.ac.uk/pdfs/IMI> >, acesso em 21/fev/2007.

Ito, C. A. **Trabalhadores Brasileiros no Japão**: Reflexões sobre a comunidade em Hamamatsu. Revista Geografia em Atos. V.1, ano 4, 2002, p.79-93.

ITO, C. Relatório Trienal de Atividades 1998-2000. FCT-Unesp. Presidente Prudente, 2001, p.159.

_____Trabalhadores Brasileiros no Japão: Migração e Cotidiano. In 9º Encontro de Geógrafos da América Latina, Mérida. Anais do 9º Encontro de Geógrafos da América Latina, 2003, Digital

KAHIL, S. P. **Unidade e diversidade do mundo contemporâneo Holambra: a existência do mundo no lugar**, Tese de Doutorado, USP, São Paulo, 1997, 101 p.

KAWAMURA, L. **Para onde vão os brasileiros?**, Editora Unicamp, Fundação Japão, Campinas - SP, 1999, 236 p.

MARTINE, G. Globalização inacabada: Migrações internacionais e pobreza no século 21. In **São Paulo em Perspectiva**. V.19, n.3, p.3-22 jul/set.2005.

MELCHIOR, L. A Mobilidade De Trabalhadores Do E Para O Japão. Estudo De Caso De Londrina, Pr – Brasil.. In **Scripta Nova**. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona. Nº 94 (54), agosto de 2001.

_____ **Migrantes japoneses: Um ciclo migratório o caso de Londrina-PR**. Dissertação de mestrado, FCT-Unesp. Presidente Prudente, 2003, p.138.

NOGUEIRA, A. R. **A imigração japonesa para a lavoura cafeeira paulista (1908-1922)**, Publicação do Instituto de Estudos Brasileiros, USP, São Paulo, 1973, 247 p.

OLIVEIRA, A. C de, **Japoneses no Brasil ou brasileiros no Japão: A trajetória de uma identidade em um contexto migratório**, Dissertação de Mestrado, IFCH/UNICAMP, Campinas 1997, 198 p.

_____ Repensando a identidade dentro da emigração de kassegui, In: **Cenas do Brasil Migrante**, R. R. Reis & T. Sales (org.), Boitempo editorial, 1ª edição, p 275-307, 1999.

PATARRA, N.L. Migrações Internacionais de e para o Brasil Contemporâneo. In **São Paulo em Perspectiva**. V.19, n.3, p.23-33, jul/set.2005.

_____ Migrações Internacionais: Teoria, políticas e movimentos sociais. In **Estudos Avançados**, v.20, n.57, p.7-24,2006.

POVOA NETO, H. & FERREIRA, A P. **Cruzando Fronteiras disciplinares: Panorama dos estudos migratórios**.Rio de Janeiro:Revan/Faperj, 2005. 421 pp

_____ A imagem da imprensa sobre a emigração brasileira. In **Estudos Avançados**, v.20, n.57, p.7-24,2006.

REVISTA JÁ. *Rumo ao sol nascente*, Diário Popular, Edição de Interior, ano 4, n 158, 14 de novembro de 1999, p18-23.

REVISTA MADE IN JAPAN, PASSAPORTE para o sonho, ano 3, n. 30, p.36-39, mar. 2000.

REVISTA MADE IN JAPAN. *Diga ao povo que fico*, n 2, ano 1, out/97, p. 32-34.

REVISTA MADE IN JAPAN. *Invasão brasileira*, n 31, ano 3, abril de 2000, p 50-51.

REVISTA MADE IN JAPAN. *Mudanças na lei de imigração japonesa*, no. 29, ano 3, 2000, p 52.

REVISTA MADE IN JAPAN. *Na mão contrária*, n 29, ano 3, 2000, p. 38-41.

REVISTA MADE IN JAPAN. *Passaporte para o sonho*, n 30, ano 3, março de 2000, p.36-39.

REVISTA VEJA. *O iene volta a falar mais alto*, Editora Abril, edição 1613, ano 32, n 35, 01 de setembro de 1999, p. 62-64.

ROSSINI, R. E. Migração da força de trabalho do Brasil para o exterior o exemplo dos nikkeis para o Japão.

SALES, T. Brasil Migrante, Brasil Clandestino, *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo: Fundação SEADE, v 8, n 1, jan/mar 1994, p 107-115.

_____. **Brasileiros longe de casa**, Ed Cortez, São Paulo 1999, 232 p.

SANTOS, M. **O Espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987. 142p.

_____. *Técnica espaço tempo globalização e meio técnico científico*, Editora Hucitec, 3a edição, São Paulo 1997, 190 p.

_____. **A natureza do espaço técnica e tempo razão e emoção**, 3a edição, Hucitec, São Paulo, 1999, 308 p.

_____. Aceleração contemporânea: tempo mundo e espaço mundo, In: *O Novo Mapa do Mundo Fim de Século e Globalização*, M. Santos et al (org.), Hucitec, São Paulo, p 15-22, 1993.

SASAKI, E. M. Estrangeiros residentes no Japão: dados do Ministério da Justiça do Japão (1994 a 1997), In: II Encontro Nacional de Migração, ABEP/GT Migração, Ouro Preto-MG, 1999, 30 p.

_____. **O jogo da diferença: A experiência identitária no movimento dekassegui**, Dissertação de Mestrado, IFCH/ UNICAMP, Campinas-SP, 1998, p. 219.

_____. Movimento dekassegui A experiência migratória e identitária dos brasileiros descendentes de japoneses no Japão, In: **Cenas do Brasil Migrante**, R. R. Reis & T. Sales (org.), Boitempo editorial, 1a edição, p.243-274, 1999.

SCHWARTZ, G. O Brasil que sabe dizer sim: caminhos em direção ao Japão, *São Paulo em Perspectiva*, Fundação SEADE, v 5, n 3, jul/set 1991, São Paulo, p.21-25.

SIMPÓSIO INTERNACIONAL - **Migração: Nação, lugar e dinâmicas territoriais**, *Caderno de Resumos*, FFLCH/ USP, São Paulo, 1999, 72 p.

SIQUEIRA, S. Migração Internacional e seus efeitos na configuração do desenvolvimento da Cidade de Governador Valadares. Disponível em <www.univale.br> , acesso em 20/nov/2006.

TSUKAMOTO, Y. **Sociologia do imigrante**: algumas considerações sobre o processo migratório, In: Estudos Brasileiros – Assimilação e integração dos japoneses no Brasil, H. Saito et al (org. /trad.), Petrópolis, Vozes, 1973, p.13-31.

VAINER, C.V. Deslocamentos compulsórios: Restrições à livre circulação: Elementos para um reconhecimento teórico da violência como fator migratório. In Anais do XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP, Caxambu, set,1998.